

A INCLUSÃO DE UM ALUNO SURDO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PELOTAS

VALDIRENE DREHMER¹; ANDRESSA AMARAL DOS SANTOS²; KAREN LAIZ KRAUSE ROMIG³; LOURDES MARIA BRAGAGNOLO FRIZON⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – valdirenedrehmer@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – dessapel95@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – karenlaizromig@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – frisonlourdes@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa foi realizada por três estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, orientados pela professora Lourdes Maria Bragagnolo Frison e a doutoranda Veridiana Lima no percurso da disciplina de Fundamentos Psicológicos da Educação durante o segundo semestre de 2016. O estudo aborda a problemática da inclusão de um aluno surdo nas aulas de Geografia, em uma Escola Municipal da cidade de Pelotas. Teve-se como objetivo entender como se dá o processo de inclusão na disciplina de geografia de alunos surdos. Para tanto, ouviu-se um estudante surdo, sua mãe e seu professor de geografia de uma escola regular. No decorrer da investigação teve-se a consciência de que para cada indivíduo e instituição esse processo de inclusão é singular.

Nesta linha de raciocínio, é inegável que nos últimos cem anos, foram crescendo em quantidade e em qualidade a realização de projetos, de leis e programas educacionais que visam sanar desigualdades no ensino básico brasileiro. Estas, dentre outras ações, preveem acesso e permanência de alunos com necessidades educacionais especiais em escolas de ensino regular.

Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade à todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades. (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA apud SEPULCHRO, 2011, p. 13)

Desse modo, pode-se acreditar que existe uma base muito bem fundamentada de leis, planos, projetos, documentos e programas que garantem o direito a inclusão de forma plena, não somente com acesso, mas também com permanência e qualidade na educação que os alunos incluídos devem ter. Mas o problema real, é saber se, mesmo com isso, as escolas estão preparadas para receber alunos com deficiência. Feitosa e Silva (2012, p. 88), diz que a escola não tem condições de fazer inclusão

[...] uma vez que seus professores ainda não têm capacitação e/ ou formação na educação inclusiva e isto recai exatamente sobre a aprendizagem dos alunos que têm necessidades diferenciadas e os professores não sabem ensiná-los. Vemos então que diante deste desafio torna-se necessário e urgente uma reforma na estrutura pedagógica da escola, para que assim se obtenha inovação e aprimoramento de suas práticas as quais atendam realmente as diferenças [...].

Portanto, se a realidade da escola não condiz com as políticas empregadas a isso, algo deverá ser modificado. Contudo, nota-se ainda poucas pesquisas que demonstrem de fato como ocorre o processo de inclusão para cada tipo de deficiência

em diversas escolas, para que possamos saber de fato como esse processo ocorre nas instituições de ensino e o que precisa ser modificado ou mantido.

Pensando nisso, reflete-se sobre de que modo os professores(as) de Geografia contribuem para a inclusão. A Geografia é uma disciplina que acompanha o mundo e o que acontece nele. A Geografia é uma ciência que problematiza e busca respostas entre o mundo natural e o antropológico. Dessa forma, especialmente o docente da área de Geografia, mas não diferentes do de outras áreas, tem conteúdos a serem trabalhados em sala de aula e apreendidos pelos estudantes. O que chama a atenção é que neste contexto existirá estudantes incluídos, que necessitarão de um atendimento mais individualizado e pontual. Neste contexto, os professores de Geografia dizem que não se sentem preparados para trabalhar com a educação inclusiva

[...] demonstram que são totalmente desprovidos de materiais, de formação na área inclusiva e preparação para atuar com a diversidade da sala de aula, por isso argumentam não ter condições de trabalhar com as turmas as quais são numerosas e ao mesmo tempo complicadas para poder desenvolver um ensino de Geografia melhor. [...] Com isso, [...] constatou-se que as práticas de ensino em Geografia ainda são bastante tradicionais, mecanizadas, fragmentadas, desinteressantes e monótonas. (FEITOSA e SILVA, 2012, p. 93)

Dessa maneira, pode-se observar que ainda que se tenha o direito assegurado por lei, teorias que embasem o professor(a) para melhorar sua prática etc., a escola infelizmente não está preparada para receber alunos com necessidades educacionais especiais, seja por falha na capacitação dos profissionais ou por falta de estrutura escolar, no sentido de falta de materiais adequados, interpretes, acessibilidade, entre outros.

2. METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter exploratório, visou despertar maior familiaridade com o problema da inclusão, esperando torná-la mais realizável e exequível. Delimitado o foco da pesquisa, optou-se pela coleta de dados a partir de entrevistas com questões previamente elaboradas pelo grupo. Para tanto, ouviu-se um estudante surdo, sua mãe e seu professor de Geografia. Essa coleta de dados ocorreu em uma Escola Municipal da cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na entrevista com o estudante surdo foram realizados alguns questionamentos sobre o tema da inclusão, deixando o entrevistado livre para falar. O estudante disse que é muito difícil ser incluído, embora seja positivo conviver com colegas ouvintes. Ele deixou claro que o aluno surdo deve, ao menos no ensino fundamental, estudar em escolas especiais, pois nelas o surdo aprende primeiro Libras e depois o Português. O estudante pontuou que o método de ensino adotado pelo professor de Geografia no segundo ano do ensino médio foi muito bom, ele utilizava slides, projetando o conteúdo no quadro o que facilitou o processo de compreensão. Já no terceiro ano do ensino médio, as aulas do outro professor foram parecidas com as demais disciplinas, conteúdo no quadro e/ou aula expositiva, sendo traduzida pelo(a) intérprete de Libras. O estudante finalizou dizendo que um desafio muito grande é a falta de interpretes na rede municipal de ensino, o que dificulta bastante o



aprendizado, mesmo assim, afirma que o seu Ensino Médio, foi muito bom, diz que foi incluído e que vai deixar saudades.

Na entrevista com a mãe ela relatou que, de acordo com sua opinião, esse processo de inclusão não existe. Segundo ela o processo é bonito no papel, mas nem a família, nem a escola e nem o estudante estão preparadas para que a inclusão seja algo satisfatório. Conforme seu depoimento, na escola regular a convivência é benéfica no sentido de crescimento e evolução, perceber a diferença e aprender juntos é fundamental, mas existe muito preconceito em relação aos alunos surdos. A mãe destaca que na escola especial os alunos adquirem a linguagem, são estimulados pedagogicamente e psicologicamente, tem acesso à fonoaudiologia e tem assistência social para às famílias, porém a criança acaba convivendo só com colegas surdos e isso causa insegurança e medo nas crianças ao ingressarem em uma escola regular. Ela relata que o maior problema enfrentado no período de inclusão foi à falta de intérpretes de Libras. Para ela, o seu filho foi incluído na escola regular em que estudou, graças ao esforço dos profissionais da mesma e da contribuição da escola especial.

Na entrevista com o professor de Geografia disse que o processo de inclusão tem avançado, mas está longe de ser adequado, pois já se tem interpretes de Libras que auxiliam o trabalho dos professores. Para ele o ideal seria ter salas mais adequadas e professores com formação específica. Ele crê que o processo de inclusão é importante, pois faz o aluno entender que apesar das suas especificidades pontuais ele tem os mesmos direitos dos demais. Relata que para ele o bom seria que os alunos com necessidades educacionais especiais tivessem um atendimento prioritário sendo a mesma sala para mesma deficiência. Ele salientou que se sente seguro o suficiente para dar aulas a alunos surdos, mesmo percebendo que nunca estará totalmente preparado. As maiores dificuldades estão no contexto geral da sala de aula, pois nela se encontram outros alunos, todos com o seu tempo de aprendizagem e sua história de vida e o trabalho não se limita apenas ao aluno surdo.

4. CONCLUSÕES

De acordo com o que foi apresentado, pode-se concluir que o Brasil não é um país tão atrasado no que diz respeito a legislação que regulamenta os direitos dos alunos surdos. Porém, o que dificulta a qualidade do ensino de alunos surdos no ensino regular, é a evidência, de que, infelizmente, mesmo com a lei, o Estado ainda não investe em infraestrutura adequada para as escolas de educação básica.

A escola não tem favorecido a aprendizagem dos surdos inseridos no ensino regular. Em certos casos, a escola contribui para ampliar os problemas de aprendizagem dos alunos, isto, principalmente porque a educação de surdos nessas escolas acentua as dificuldades de ordem linguística, sociopolítica e cultural, o que representa um equívoco, do ponto de vista da abordagem bilíngue.

Nessa perspectiva, a escola especial é indicada, como principal meio de preparar o aluno para a inclusão na escola regular, principalmente, por ser uma escola com a Língua de Sinais, dentro e fora da sala de aula, como língua materna, com respeito pela cultura surda.

É necessário garantir espaço efetivo para a Língua de Sinais em atendimentos a surdos, preparando professores ouvintes e formando professores surdos, porque é indiscutível, a importância da Libras na vida escolar dos alunos surdos. Afirma-se que é a condição mínima necessária à sua educação e, apesar disso, ainda não está garantida em um projeto que prevê a inclusão dos surdos no processo educacional.

Também é importante ressaltar que, a família também necessita se vincular à comunidade surda oportunizando ao seu filho, o mais cedo possível, o contato natural e espontâneo com a Libras, evitando, assim, o atraso de linguagem e todas as consequências para seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A mudança de perspectiva em relação ao surdo, por parte dos profissionais e também da comunidade é essencial para que aquele, agindo e interagindo, possa receber toda a herança cultural das gerações anteriores e produzir, em conjunto com a sociedade, conhecimentos que influenciarão as próximas gerações. É preciso entender que há ainda muito a saber sobre o processo de aprendizagem escolar do surdo.

Esta pesquisa, por fim, apresenta apenas uma pequena parcela do que é a inclusão de alunos surdos no Brasil, visando entender o problema que existe com relação a essa temática. Conclui-se então, que a estrutura escolar não está totalmente preparada para receber alunos com qualquer deficiência. É imprescindível que os professores licenciados tenham o ensino de Libras no Ensino Superior, para que ao menos estes sintam-se aptos a trabalharem com esses alunos, contribuindo para a inclusão dos mesmos, facilitando o ensino e sua aprendizagem. Espera-se que a perspectiva atual do país mude e que a educação brasileira possa avançar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria Especial de Editoração e Publicações. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: nº 9394/1996, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/coinstituicao/constituicao.htm>. Acesso em 11/10/2016.

FEITOSA, A. N.; SILVA, A. C. A. **O ensino de Geografia e Educação Inclusiva: Escola Estadual Tarcísio Maia/Pau dos Ferros-RN**. GEOTemas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, v. 2, n. 2, p. 85-100, jul./dez., 2012.

FONSECA, Ricardo Lopes. **Praticando geografia com alunos surdos e ouvintes: uma contribuição para o ensino de geografia**. 2012, 193f. Mestrado em geografia, dinâmica espaço ambiental, Universidade estadual de Londrina, Londrina, 2012.

LACERDA, C. B. F. **A Inclusão Escolar de Alunos Surdos: O que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 06 de set. 2016

PENA, Fernanda Santos. **Surdez e a formação de professores de geografia: algumas considerações**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/>> Acesso em: 07 set. 2016.

SANTOS, Jonatas Rodrigues; NUNES, Flaviana Gasparotti; **O aluno com deficiência auditiva nas aulas de Geografia: Alguns Elementos para a reflexão sobre a Inclusão**. In: 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2009. **Anais**. Porto Alegre, 2009.

SEPULCHRO, E. C. **A contradição entre a política de inclusão e a prática inclusiva na escola de ensino regular**. Monografia. Serra – ES, 2011, p. 45. Disponível em: <http://serra.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/04/a_contradicao_entre_a_politica_de_inclusao.pdf>. Acesso em: 6 de set. 2016.